



ILONA ANDREWS

SANGRE MÁGICO

SÉRIE KATE DANIELS

As quatro palavras de poder. *Obedecer, Matar, Proteger e Morrer*. Palavras tão primitivas, perigosas e poderosas que comandavam a própria essência da magia. Ninguém sabia quantas delas existiam, de onde vinham ou por que possuíam tamanho poder sobre a magia. Até mesmo as pessoas que nunca usaram magia reconheciam seu significado e estavam sujeitas ao seu poder, como se as palavras fossem parte de uma memória racial antiga que todos nós carregávamos.

manifesto da coleção bang!

Este é o nosso compromisso com você:

*Queremos ser a melhor coleção de
literatura fantástica do Brasil.*

*Vamos publicar apenas os grandes
livros dos grandes autores.*

*Todas as obras são válidas, desde que
ignorem as limitações do realismo.*

Queremos mexer com a sua cabeça.

Mas um click não basta.

É preciso um Bang!

SUMÁRIO

Prefácio	11
Agradecimentos	13
Capítulo 1	15
Capítulo 2	21
Capítulo 3	55
Capítulo 4	80
Capítulo 5	112
Capítulo 6	146
Capítulo 7	163
Capítulo 8	185
Capítulo 9	197
Capítulo 10	224
Epílogo	239
Leia nas próximas páginas um trecho do Livro 2 da série Kate Daniels	247

*Para minhas filhas,
Anastasia e Helen*

PREFÁCIO

Caros leitores,

Nós estamos muito entusiasmados com o fato de a Editora Saída de Emergência Brasil estar trazendo a nossa série de Kate Daniels até vocês. Eu digo “nós” porque na verdade existem dois de nós, Gordon e Ilona Andrews. Somos casados e escrevemos juntos. A série de Kate Daniels tem sido muito bem-sucedida e agora, olhando para trás, *Sangue Mágico* foi o começo de muitas coisas boas, mas no início não sabíamos aonde ele nos levaria. Na verdade, o livro quase não foi escrito.

Quando tivemos a ideia para a série de Kate Daniels, nós havíamos quase desistido de escrever. Ter seu primeiro livro publicado é uma conquista difícil. É como tentar encontrar um emprego. Você vai a entrevistas e leva seu currículo, mas ninguém está contratando e você volta para casa decepcionado. Nessa época, tínhamos dois filhos pequenos e nossos respectivos empregos. O nosso tempo livre era curto e tínhamos escrito alguns textos de fantasia que não deram em nada. Não fazia sentido tentar escrever novamente e trabalhar duro durante meses para não chegar a lugar algum. Mas a ideia de *Sangue Mágico* era muito intrigante.

Existem muitos livros de fantasia em que a magia está lentamente abandonando o mundo, o que sempre nos deixou muito tristes. Então, uma noite nós estávamos fazendo um brainstorming e, de alguma forma, começamos a pensar: “E se, em vez disso, a magia voltasse? E não apenas voltasse, mas inundasse o mundo inteiro, como um furacão catastrófico invisível? O que aconteceria?”

A partir dessa conversa, o mundo de *Sangue Mágico* nasceu. É um lugar que sofreu um apocalipse mágico. A magia o inunda como a maré, incontrolável e sem aviso, e depois desaparece tão depressa como apareceu. Quando a magia está no auge, os aviões caem do céu, os carros param e a energia elétrica falta. Quando a mágica some, as armas de fogo voltam a funcionar e os feitiços falham.

É um mundo perigoso e volátil. A magia se alimenta da tecnologia, atacando os arranha-céus até que a maioria deles tomba e desmorona, deixando apenas suas ruínas. Monstros vagueiam pelas ruas destruídas; lobisomens espreitam suas presas; e os Mestres dos Mortos, necromantes impulsionados por sua sede de conhecimento e riqueza, comandam vampiros sedentos de sangue com suas mentes, como se os mortos-vivos fossem carrinhos de controle remoto.

Nesse mundo, vive Kate Daniels. Kate gosta um pouco de mais de usar sua espada e tem dificuldade de controlar o que fala. A magia em seu sangue a torna um alvo, e ela passou a maior parte da vida se escondendo no meio da multidão. Mas Kate possui uma grande vantagem: ela tem muita força de vontade e é capaz de mover montanhas para manter um amigo seguro. Ela é perigosa, leal e não se leva muito a sério, porque, mesmo nos momentos mais sombrios, Kate geralmente encontra um pouco de humor e esperança para continuar.

Esperamos que vocês gostem de ler sobre suas aventuras tanto como nós adoramos escrevê-las. Bem-vindos ao mundo de Kate Daniels.

AGRADECIMENTOS

Sou muito grata a minha editora na Ace Books, Anne Sowards, pela excelente orientação editorial, grande bondade e paciência em todas as vezes que precisei de confiança, que foram muitas. Também gostaria de agradecer ao meu agente, Jack Byrne, da Sternig & Byrne Literary Agency, por seus maravilhosos conselhos e apoio inabalável. Agradeço a Annette Fiore e Kristen del Rosario, as designers, e Chad Michael Ward, o artista, pela capa e o design fantásticos; a Megan Gerrity, a produtora editorial, e sua equipe por tornar este livro possível; e a Maggie Kao, assessora de imprensa da Ace, por todo o trabalho duro.

Agradeço muito a Charles Coleman Finlay, Ellen Key Harris-Braun e Jenni Smith-Gaynor, da Online Writing Workshop for Science Fiction, Fantasy, and Horror, por acreditarem no meu trabalho antes de todo mundo. Agradeço a Deanna Hoak por responder às minhas perguntas intermináveis. E um grande agradecimento a todos que leram e comentaram a primeira versão deste trabalho: Hannah Wolf Bowen, Jeff Stanley, Nora Fleischer, Lawrence Payne, Mark Jones, Del Whetter, Steve Orr, A. Wheat, Betty Foreman, Catherine Emery, Elizabeth Hull, Susan Curnow, Richard C. Rogers, Aaron Brown, David Emanuel, Jodi Meadows, Christiana Ellis, Kyri Freeman, Elizabeth Bear, Mary Davis e, especialmente, Charlene L. Amsden.

Por fim, gostaria de me desculpar com a cidade de Atlanta, cuja bela arquitetura foi tão maltratada por mim em nome da licença artística.

CAPÍTULO 1

Eu estava sentada à mesa da minha cozinha escura, olhando para uma garrafa de vinho com limonada Boone's Farm, quando uma flutuação de magia começou. Meus feitiços tremularam e se desvaneceram, deixando minha casa sem defesas. A TV ligou sozinha, extraordinariamente alta na casa vazia.

Ergui uma sobranceira para a garrafa e apostei com ela que outro boletim urgente havia entrado no ar.

A garrafa perdeu.

— Boletim urgente! — anunciou Margaret Chang. — O Procurador-Geral adverte todos os cidadãos que qualquer tentativa de evocação ou outras atividades que resultem no aparecimento de um ser sobrenatural poderoso poderá ser perigosa para vocês mesmos e para os demais.

— Não brinca — eu disse para a garrafa.

Margaret continuou com a lenga-lenga enquanto eu mordida meu sanduíche. Quem eles estavam enganando? Nenhuma força policial seria capaz de reprimir todas as evocações. Era necessário um mago qualificado para conseguir detectar uma evocação em andamento. Mas só se precisava de um idiota semianalfabeto com um pouco de poder e uma vaga ideia de como usá-lo para tentar realizar uma. Antes que você percebesse, um deus eslavo de três cabeças estaria causando estragos no centro de Atlanta, o céu choveria cobras aladas e a SWAT imploraria por mais munição. Eram tempos perigosos. Porém, em tempos mais seguros, eu seria uma mulher desempregada. O seguro

mundo tecnológico pouco se interessaria por uma mercenária que vendia magia como eu.

Quando as pessoas tinham algum problema envolvendo magia, o tipo de problema que a polícia não conseguiria ou preferia não enfrentar, elas procuravam a Associação dos Mercenários. Caso o trabalho fosse da minha área, então a Associação me procurava. Fiz uma careta e esfreguei o quadril. Ainda doía depois do último trabalho, mas a ferida cicatrizara mais rápido do que eu esperara. Fora a primeira e última vez que eu concordara em lutar contra a Lagarta de Impala sem armadura de corpo inteiro. Na próxima vez, é melhor me equiparem com um traje de contenção de nível quatro.

Uma onda gélida de medo e repulsa me atingiu. Meu estômago revirou, enviando ácidos que cobriram a minha língua com um sabor amargo. Arrepios percorreram a minha espinha e os pelos da minha nuca ficaram eriçados.

Alguma coisa ruim estava na minha casa.

Larguei o sanduíche e apertei o botão “mudo” no controle remoto. Na tela, Margaret Chang estava acompanhada por um homem com rosto severo, corte de cabelo militar e olhos de ardósia. Um policial. Provavelmente da Divisão de Atividades Paranormais. Coloquei a mão sobre a adaga que repousava no meu colo e fiquei quieta.

Escutando. Esperando.

Nenhum som perturbava o silêncio. Uma gota d'água se formou na superfície suada da garrafa e deslizou por seu lado brilhante.

Algo grande rastejou pelo teto do corredor até chegar à cozinha. Fingi não vê-lo. Parou um pouco atrás de mim, à esquerda, então não tive problemas em fingir.

O intruso hesitou, voltou-se e se fixou no canto, onde o teto encontrava a parede. Ficou lá parado, preso ao revestimento por enormes garras amareladas, quieto e silencioso como uma gárgula em plena luz do sol. Tomei um gole da garrafa e a ajustei de maneira que pudesse ver o reflexo da criatura. Nua e sem pelos, ela não possuía uma única grama de gordura no corpo macilento. A pele estava tão esticada sobre os músculos duros que ameaçava arrebentar. Parecia uma camada fina de cera derretida sobre um modelo de anatomia.

O espetacular Homem-Aranha.

O vampiro ergueu a mão esquerda. As garras cortaram o ar de um lado a outro, como agulhas de crochê curvadas. Girou a cabeça como um cachorro e me estudou com os olhos iluminados por um tipo

específico de loucura, nascida da sede bestial por sangue, livre de quaisquer pensamentos ou restrições.

Com um único movimento, voltei-me para trás e lancei a adaga. A lâmina negra cortou cuidadosamente a garganta da criatura.

O vampiro ficou paralisado. As garras amareladas pararam de se mover.

O sangue púrpura e grosso se avolumou em torno da lâmina e deslizou lentamente pela carne nua do pescoço do vampiro, manchando seu peito e gotejando no chão. Suas feições se retorceram, tentando se metamorfosear em um rosto diferente. Ele abriu a boca, exibindo duas presas curvas como foices de marfim em miniatura.

— Isso foi muita falta de consideração, Kate — disse a voz de Ghastek pela garganta da criatura. — Agora terei que alimentá-lo.

— É puro reflexo. Escute um sino, coma. Veja um morto-vivo, empunhe uma faca. É a mesma coisa, sério.

O rosto do vampiro ficou repuxado como se o Mestre dos Mortos que o controlava tentasse fechar os olhos.

— O que você está bebendo? — perguntou Ghastek.

— Vinho com limonada.

— Você pode comprar coisa melhor.

— Não quero nada melhor. Eu gosto disso. E prefiro fazer negócios por telefone, e com você, nem isso.

— Eu não quero contratá-la, Kate. Esta é apenas uma visita social.

Encarei o vampiro, desejando poder enfiar minha faca na garganta de Ghastek. Seria muito bom cortar a carne dele. Infelizmente, ele estava num salão blindado a quilômetros de distância.

— Você gosta de me sacanear, não é, Ghastek?

— Gosto muito.

A pergunta de um milhão de dólares era “Por quê?”

— O que você quer? Fale logo, minha bebida está ficando quente.

— Estava apenas pensando aqui — disse Ghastek, num tom neutro mordaz peculiar. — Quando foi que você viu seu guardião pela última vez?

A indiferença na voz dele me provocou arrepios.

— Por quê?

— Motivo nenhum. Como sempre, foi um prazer.

Com um salto poderoso, o vampiro se soltou da parede e voou pela janela aberta, levando minha faca com ele.

Peguei o telefone, resmungando, e disquei para a Ordem dos Cavaleiros da Ajuda Misericordiosa. Nenhum vampiro seria capaz de atravessar

meus feitiços com a magia no auge. Ghastek não tinha como saber quando a magia diminuiria, então ele deveria estar vigiando a minha casa há algum tempo, esperando que meus feitiços de defesa falhassem. Tomei um gole da garrafa. Aquilo significava que um vampiro estava se escondendo por perto quando voltei para casa na noite passada, e eu não o vi nem o senti. Que tranquilizador. Podia muito bem escrever “Alertas somos nós” na minha identidade de mercenária.

Um toque. Dois. Três. Por que ele me perguntaria sobre Greg?

O telefone estalou e uma voz feminina austera proferiu um texto decorado:

— Filial de Atlanta da Ordem, como posso ajudar?

— Eu gostaria de falar com Greg Feldman.

— Seu nome?

Uma nota indistinta de ansiedade pulsou na voz dela.

— Eu não tenho que dizer o meu nome — falei no receptor. — Quero falar com o cavaleiro-místico.

Após uma pausa, uma voz masculina disse:

— Por favor, identifique-se.

— Não — eu disse com firmeza. — Página sete do seu Estatuto, terceiro parágrafo: “Todo cidadão tem o direito de procurar o aconselhamento de um cavaleiro-místico sem medo de represálias ou necessidade de identificação.” Como cidadã, insisto que você me coloque em contato com o cavaleiro-místico agora ou especifique a hora em que ele estará disponível.

— O cavaleiro-místico morreu — disse a voz.

O mundo parou. Escorreguei por sua imobilidade, assustada e abalada. Minha garganta doía. Ouvi meu coração batendo no peito.

— Como? — Minha voz soou calma.

— Ele foi morto no cumprimento do dever.

— Quem o matou?

— A questão ainda está sob investigação. Veja bem, se você pudesse me dizer seu nome...

Desliguei o telefone e coloquei o receptor na base. Olhei para a cadeira vazia à minha frente. Há duas semanas, Greg se sentara nessa cadeira, mexendo o seu café. A colher fizera pequenos círculos precisos, sem nunca tocar os lados da caneca. Por um momento, consegui visualizá-lo bem ali, enquanto a lembrança invadia a minha mente.

Greg estava olhando para mim com os olhos castanhos-escuros pesados como os de um ícone religioso.

— Por favor, Kate. Deixe de lado a sua aversão por mim por alguns instantes e escute o que eu tenho a lhe dizer. Faz sentido.

— Eu não tenho aversão a você. Seria simplificar demais as coisas.

Ele assentiu, com aquela expressão paciente no rosto que deixava as mulheres loucas.

— Claro. Eu não tive a intenção de desdenhar ou simplificar seus sentimentos. Apenas gostaria que nos concentrássemos na essência do que tenho a dizer. Você poderia escutar, por favor?

Reclinei-me e cruzei os braços.

— Pode falar.

Ele pôs a mão no bolso da jaqueta de couro e tirou um rolo de pergaminho. Colocou-o sobre a mesa e o desenrolou lentamente, segurando com a ponta dos dedos para mantê-lo esticado.

— Este é o convite da Ordem.

Joguei as mãos para o alto.

— Pronto, pra mim chega.

— Permita-me terminar — falou. Não parecia zangado. E não me disse que eu estava agindo como uma criança, embora eu soubesse que estava. Isso me deixou ainda mais irritada.

— Muito bem.

— Daqui a algumas semanas, você fará vinte e cinco anos. O fato em si não possui muito significado, mas em termos de readmissão à Ordem tem certo peso. É muito mais difícil entrar depois dos vinte e cinco anos. Não impossível. Apenas mais difícil.

— Eu sei. Eles me enviaram folhetos.

Ele largou o pergaminho e se reclinou na cadeira, entrelaçando os dedos longos. O pergaminho continuou aberto apesar de toda lei da física ditar que se enrolasse novamente. Greg às vezes se esquecia da física.

— Nesse caso, você está ciente das sanções sobre a idade.

Não era uma pergunta, mas respondi mesmo assim:

— Sim.

Ele suspirou. Foi um movimento minúsculo, perceptível somente por aqueles que o conheciam bem. Eu sabia pela maneira que ele estava sentado, muito quieto, esticando o pescoço ligeiramente, que já adivinhara minha decisão.

— Gostaria que você reconsiderasse — disse ele.

— Acho que não vai dar.

Por um momento pude ver a frustração nos seus olhos. Nós dois

sabíamos o que não fora dito: a Ordem fornecia proteção, e proteção para alguém da minha linhagem era da máxima importância.

— Posso perguntar o porquê? — indagou ele.

— Aquilo não é para mim, Greg. Não sei lidar com hierarquia.

Para ele, a Ordem era um lugar de refúgio e segurança, um lugar de poder. Seus membros se comprometiam com os valores da Ordem completamente, servindo-a com tamanha dedicação que a organização em si não parecia uma reunião de indivíduos, mas uma entidade pensante e incrivelmente poderosa. Greg a adotara e ela o acolhera. Eu lutei contra ela e quase perdi.

— Cada minuto que eu passava lá, sentia que havia menos de mim mesma — disse. — Como se eu estivesse encolhendo. Minguando. Tive que sair e não vou voltar.

Greg olhou para mim com os olhos escuros profundamente tristes. Na penumbra da minha pequena cozinha, a beleza dele era surpreendente. De uma maneira perversa, estava feliz por minha teimosia forçá-lo a vir me visitar e por ele agora estar sentado numa cadeira a apenas alguns centímetros de mim, como um anjo imortal, elegante e melancólico. Nossa, como me odiei por essa fantasia de menininha.

— Se você puder me dar licença — disse eu.

Ele piscou, surpreso com minha formalidade, então se levantou suavemente.

— É claro. Obrigado pelo café.

Eu o levei até a porta. Lá fora havia escurecido e a luz intensa do luar cobria a grama do meu jardim de tons prateados. Ao lado do portão, hibiscos brancos brilhavam nos arbustos como estrelas.

Observei Greg descer os três degraus de concreto até o jardim.

— Greg?

— Sim? — Ele se voltou. A magia irradiava dele como um manto.

— Nada. — Fechei a porta.

Aquela era a minha última lembrança dele, de pé sobre o gramado inundado de luar e revestido de magia.

Oh, céus.

Eu me embalei com os braços, querendo chorar. As lágrimas não vinham. Minha boca ficara seca. O último elo com a minha família fora cortado. Não sobrara mais ninguém. Eu não tinha mãe, nem pai, e agora nem Greg. Cerrei os dentes e fui fazer as malas.

CAPÍTULO 2

A magia voltou enquanto eu estava colocando os itens básicos na bolsa, e tive que usar a Karmelion em vez do meu carro habitual. Uma caminhonete enferrujada e em más condições, de cor verde bile e sem o farol esquerdo, a Karmelion só tinha uma vantagem: andava com água impregnada de magia e podia ser dirigida durante uma onda mágica. Ao contrário dos carros normais, a caminhonete não roncava nem produzia nenhum dos sons que as pessoas esperavam que um motor fizesse. Em vez disso, rosnava, zunia e emitia trovões ensurdecedores com uma regularidade deprimente. Não fazia ideia de quem a chamara de Karmelion ou por quê. Comprara-a num ferro-velho com o nome rabiscado no para-brisa.

Para minha sorte, em um dia normal a Karmelion precisa percorrer apenas cinquenta metros até Savannah. Hoje eu a forcei através da linha ley, o que não era tão ruim já que levava quase direto até Atlanta, mas o percurso pela cidade não fez muito bem à caminhonete. Agora Karmelion estava esfriando no estacionamento atrás de mim, gotejando água e transpirando magia. Levaria uns bons quinze minutos até eu conseguir reaquecer o gerador, mas tudo bem. Eu planejava ficar por aqui um bom tempo.

Eu odiava Atlanta. Odiava cidades, e ponto.

Fiquei parada na calçada e vigiei o pequeno e antigo prédio de escritórios que supostamente abrigava a filial de Atlanta da Ordem dos Cavaleiros da Ajuda Misericordiosa. A Ordem se esforçava para esconder seu verdadeiro tamanho e poder, mas nesse caso tinha exagerado.

O prédio, uma estrutura de concreto de três andares, se erguia como um polegar ferido entre as mansões de tijolos que o cercavam. Os muros mostravam manchas alaranjadas de ferrugem causadas pela água da chuva que gotejava do telhado de metal pelos buracos nas calhas. Grossas grades de metal protegiam as pequenas janelas, encobertas por venezianas pálidas atrás do vidro empoeirado.

Tinha que existir outra instalação na cidade. Um lugar onde a equipe de apoio trabalhava enquanto os agentes de campo apresentavam uma fachada modesta para o público. Teria um enorme arsenal de última geração, uma rede de computadores e um banco de dados com arquivos sobre qualquer pessoa de poder — mágico ou mundano. Em algum lugar daquele banco de dados o meu nome estaria colocado em seu próprio lugar, o nome de uma rejeitada, indisciplinada e imprestável. Do jeito que eu gostava.

Toquei o muro. A cerca de meio centímetro dentro do concreto, meu dedo encontrou uma resistência elástica, como se eu estivesse tentando apertar uma bola de tênis. Um débil brilho prateado pulsou na minha pele e retirei a mão. O edifício estava altamente protegido contra magia hostil. Se alguém com muita energia lançasse uma bola de fogo contra ele, provavelmente ela ricochetearia sem nem chamuscar as paredes cinzentas.

Abri um pouco das portas duplas de metal e entrei. Uma passagem estreita se estendia à minha direita, terminando numa porta que ostentava uma enorme placa vermelha e branca que dizia: “somente Pessoal Autorizado”. Minha outra opção era subir as escadas que levavam para o andar de cima.

Subi os degraus, notando que estavam surpreendentemente limpos. Ninguém tentou me impedir. Ninguém me perguntou por que eu estava lá.

Olhe para nós, somos prestativos e inofensivos, vivemos para servir a comunidade e até deixamos qualquer um entrar na nossa sede.

A necessidade de um edifício despretensioso eu podia entender, mas os registros públicos declaravam que a filial inteira consistia em nove cavaleiros: um protetor, um sagrado, um investigador, três defensores e três guardiões. Nove pessoas, supervisionando uma cidade do tamanho de Atlanta. Tá.

A escada terminava num hall com uma única porta de metal pintada de verde-claro. Uma pequena adaga brilhava fragilmente sobre a sua superfície na altura do meu olhar. Bater não me pareceu uma boa ideia, então abri a porta e entrei.

Um longo corredor se estendia à minha frente, oferecendo uma varie-

dade de cores para descansar os meus olhos: cinza e cinza, e ainda mais cinza. O carpete finíssimo era cinza-claro; as paredes eram pintadas em dois tons de cinza: mais claro em cima com uma passadeira cinza-escura na parte de baixo. Os pequenos lustres das lâmpadas elétricas no teto pareciam cinzentos também. Sem dúvida o decorador escolhera um vidro especificamente fosco por razões estéticas.

O lugar parecia não ter um grão de poeira. Havia várias portas dispostas ao longo do corredor, provavelmente levando a escritórios individuais. No final, uma grande porta de madeira sustentava um escudo esmaltado de preto. No meio do escudo, um leão de aço se empinava, brilhante de tão polido. O cavaleiro-protetor. Exatamente o cara que eu precisava encontrar.

Marchei pelo corredor, mirando o escudo e olhando de relance para dentro das portas abertas quando passava por elas. À minha esquerda avistei um pequeno arsenal. Um homem musculoso e baixo estava sentado num banco de madeira polindo uma dha. A grande lâmina da pequena espada vietnamita brilhava levemente enquanto ele passava um pano com óleo no metal azulado. À direita se encontrava um escritório pequeno mas imaculado. Um homem negro e alto vestido com um terno caro estava sentado atrás da mesa, falando ao telefone. Ele me viu, deu um sorriso cortês automático e continuou falando.

No lugar dele eu também mal olharia para mim. Estava com minhas roupas de trabalho: calça jeans larga o suficiente para que eu conseguisse dar um chute num homem mais alto que eu, camisa verde e tênis de corrida confortáveis. A Matadora descansava em sua bainha às minhas costas, parcialmente escondida pela minha jaqueta. O cabo do sabre se projetava acima do meu ombro esquerdo, encoberto pelo cabelo preso numa trança grossa. A trança era trabalhosa — batia nas minhas costas quando eu corria e era um ponto excelente para me agarrarem durante uma luta. Se fosse um pouco menos vaidosa, eu a teria cortado, mas já sacrificara roupas mais femininas, maquiagem e lingerie bonitas em nome da praticidade. De jeito nenhum eu também desistiria do meu cabelo.

Cheguei à porta do protetor e ergui a mão para bater.

— Um momento, querida — disse a austera voz feminina que eu ouvira pelo telefone ontem.

Olhei na sua direção e vi um pequeno escritório obstruído por arquivos. Uma mesa grande ocupava o meio da sala e uma mulher de meia-idade estava de pé em cima dela. A mulher era alta, aprumada e muito magra, com um halo de cabelo cacheado pintado de cinza platinado. Vestia um terninho

azul elegante. Um par de sapatos da mesma cor descansava ao lado da cadeira que devia ter usado para subir na mesa.

— Ele está em reunião, querida — disse. Ela ergueu as mãos e continuou a trocar a lâmpada da lanterna mágica afixada no teto próxima à luz elétrica. — Você não tem hora marcada, certo?

— Não, senhora.

— Bem, você está com sorte. Ele está livre pela manhã. Por que você não me diz seu nome e o motivo da visita e veremos o que podemos fazer?

Esprei até ela terminar com a lanterna, contei que estava lá para saber sobre Greg Feldman e lhe dei o meu cartão de visita. Ela o olhou, não demonstrou nenhuma reação e apontou para trás de mim.

— A sala de espera é ali, querida.

Eu me virei e andei até a sala, que era só outro escritório equipado com um sofá de couro negro e duas cadeiras. Uma mesa encostada na parede ao lado da porta oferecia uma cafeteira e duas pilhas de xícaras de cerâmica. Um pote de açúcar e duas caixas de rosquinhas da Duncan's também se encontravam sobre a mesa. Minha mão tremeu na direção das rosquinhas, mas me controlei. Qualquer um que tinha o prazer de provar uma das rosquinhas do velho escocês descobria rápido que era impossível comer uma só, e entrar no escritório do protetor coberto de calda de chocolate não era a maneira certa de causar boa impressão.

Encontrei um lugar seguro perto da janela, longe das rosquinhas, e olhei através das grades para o pequeno trecho de céu nublado, emoldurado pelos telhados. A Ordem da Ajuda Misericordiosa oferecia exatamente o que seu nome sugeria: ajuda misericordiosa para qualquer pessoa que pedisse. Se você pudesse pagar, eles lhe cobriam; e, caso você não pudesse, enfrentariam qualquer merda por você de graça. Oficialmente, sua missão era proteger a humanidade contra qualquer perigo, seja por meio de magia ou de armas. O problema era que, para eles, a definição de perigo era bastante flexível e às vezes a ajuda misericordiosa significava cortar a sua cabeça.

A Ordem saía impune de muita coisa. Seus membros eram muito poderosos e a tentação de depender deles era muito grande. Ela foi endossada pelo governo como a terceira parte do triunvirato de aplicação da lei. A Divisão Policial de Atividades Paranormais, a Unidade de Defesa Militar Sobrenatural e a Ordem dos Cavaleiros da Ajuda Misericordiosa deveriam interagir bem entre si e manter o público a salvo. Na realidade, não acontecia exatamente dessa forma. Os cavaleiros da Ordem eram prestativos, competentes e letais. Ao contrário dos mercenários da Associação, não eram

motivados por dinheiro e mantinham suas promessas. No entanto, também emitiam juízos e acreditavam que sempre sabiam de tudo.

Um homem alto entrou na sala de espera. O fedor me alcançou antes mesmo de vê-lo, um odor persistente e enjoativo de lixo podre. O homem vestia um comprido sobretudo marrom manchado de tinta e gordura e lambuzado com tantas variedades de comida e lixo que ele parecia o jovem Joseph em seu manto de mil cores. O casaco estava aberto na frente permitindo a visão de uma aberração de camisa: azul e vermelha com listras verdes em xadrez. As calças cáqui imundas estavam presas por suspensórios laranja. Ele usava velhas botas de paraquedista com biqueiras de aço e luvas de couro cortadas nas falanges dos dedos. E, na sua cabeça, um chapéu de feltro do tipo Fedora antiquado e incredivelmente sujo e manchado. O cabelo grosso e despenteado caía em mechas frouxas sob o chapéu.

Ele me viu e tirou o chapéu, segurando a aba entre o indicador e o dedo médio da maneira que algumas pessoas seguram o cigarro, e eu pude ver seu rosto de relance: rugas profundas, barba de três dias e olhos pálidos, ligeiros e frios. Não havia nada especialmente ameaçador na maneira em que me olhava, mas alguma coisa naqueles olhos me fez querer levantar as mãos acima da cabeça e recuar de mansinho até que fosse seguro fugir correndo dali.

— Senhooora — cumprimentou com voz arrastada.

Assustou-me como o diabo. Sorri para ele.

— Bom dia.

Minha saudação soou como algo do tipo “Calma, cachorrinho”. Eu teria que me espremer para passar por ele e chegar até a porta.

A recepcionista veio me salvar.

— Você pode entrar agora, querida — chamou ela.

O homem deu um passo para o lado, curvando-se levemente, e eu passei por ele. Uma parte da minha jaqueta roçou no sobretudo dele, provavelmente apanhando bactérias suficientes para nocautear um pequeno exército, mas eu não me afastei.

— Prazer em conhecê-la — murmurou ele enquanto eu passava.

— Prazer em conhecê-lo também — disse e escapei para o escritório do patrono.

Entrei numa sala grande, com pelo menos o dobro do tamanho dos escritórios que vira até agora. Pesadas cortinas cor de vinho cobriam as janelas, deixando entrar luz suficiente apenas para criar uma escuridão confortável. Uma enorme mesa de madeira de cerejeira polida dominava a sala,

tendo em cima uma caixa de papelão, um peso de papel de madeira com o emblema dos Texas Rangers no topo e um par de botas de caubói marrom. Os pés dentro das botas pertenciam a um homem de ombros largos, reclinado numa cadeira de couro negro ouvindo alguém falar com ele pelo telefone. O cavaleiro-protetor.

Em alguma fase da vida deve ter sido muito forte, mas agora os músculos estavam encobertos pelo que meu pai costumava chamar de “gordura firme”. Ele ainda era um homem forte e grande, e era possível que conseguisse se mover rapidamente se precisasse, apesar da saliência evidente na sua cintura. Vestia calças jeans e uma camisa azul-marinho com franjas. Eu nem sabia que ainda fabricavam camisas assim. As roupas do tempo do Velho Oeste eram feitas para homens magros com chicotes nas mãos. Elas faziam o patrono parecer Gene Autry depois de se empanturrar de bolinhos recheados.

O protetor olhou para mim. Ele tinha o rosto largo com um queixo quadrado enorme e olhos azuis penetrantes sob as sobrancelhas pesadas. O nariz era deformado por ter sido quebrado vezes de mais. O chapéu escondia o cabelo, ou, mais provável, a falta de cabelo, mas podia apostar que o que restava era grisalho e curto.

Ele me indicou uma das pequenas cadeiras vermelhas diante da mesa. Eu me sentei, olhando para dentro da caixa de papelão, que continha uma rosquinha de geleia comida pela metade.

O protetor voltou a ouvir o interlocutor ao telefone, então olhei em volta do escritório. Uma estante grande, também de madeira de cerejeira escura, erguia-se na parede oposta. Acima dela, avistei um mapa de madeira do Texas decorado com faixas de arame farpado. Letras douradas gravadas debaixo de cada peça anunciavam o nome do fabricante e o ano.

Ele terminou a conversa desligando o telefone sem dizer uma só palavra.

— Se você tem alguma papelada para me mostrar, a hora é esta.

Mostrei para ele minha identificação de mercenária e meia dúzia de recomendações. Ele folheou as páginas.

— Água e Esgoto, hein?

— Sim.

— Tem que ser durona ou burra para descer aos esgotos hoje em dia. Então, qual das duas você é?

— Não sou burra, mas, se disser que sou durona, você vai achar que é presunção minha, então vou apenas sorrir enigmaticamente.

Dei o meu melhor sorriso enigmático. Ele não se jogou aos meus pés, nem beijou meus sapatos e prometeu me dar o mundo. *Devo estar ficando enferrujada.*

O protetor cerrou os olhos ao ver a assinatura.

— Mike Tellez. Eu já trabalhei com ele. Você presta serviços a ele com regularidade?

— Mais ou menos.

— Qual foi o problema dessa vez?

— Pedacos grandes de equipamentos estavam sendo arrancados. Disseram que estava com um filhote de marakihan.

— São seres marinhos — disse ele. — Morrem em água doce.

Um obeso relaxado que come rosquinhas de geleia de supermercado, usa camisas com franjas e sabe identificar uma criatura mágica obscura sem pensar duas vezes. Cavaleiro-protetor. Perito extraordinário em camuflagem.

— Você descobriu qual era o problema de Mike? — perguntou ele.

— Sim. Era Lagarta de Impala.

Se ele ficou impressionado, não demonstrou.

— Você a matou?

Muito engraçado.

— Não, apenas deixei claro que ela não era bem-vinda.

As lembranças voltaram de uma vez só e por um momento eu tropeçava novamente pelo túnel escuro inundado de excremento líquido e sujeira que subia até meus quadris. A minha perna esquerda ardia de dor e eu seguia em frente, me arrastando, enquanto atrás de mim o corpo gigantesco da Lagarta derramava sangue no esgoto. O sangue verde e grudento girava em redemoinho na superfície, cada uma de suas células um organismo minúsculo consumido com um único propósito: se reunir. Não importava quantas vezes ou qual a distância a que essa criatura reaparecia, era sempre a mesma Lagarta de Impala. Existia apenas uma e ela se regenerava interminavelmente.

O protetor colocou minha papelada sobre a mesa.

— Então, o que você quer?

— Estou investigando o assassinato de Greg Feldman.

— Sob que autoridade?

— A minha.

— Entendo. — Ele se recostou. — Por quê?

— Tenho minhas razões.

— Você o conhecia pessoalmente?

Ele fez a pergunta num tom perfeitamente neutro, mas era bem claro o que queria dizer. Fiquei feliz em desapontá-lo.

— Sim. Ele era amigo do meu pai.

— Entendo — repetiu ele. — Seu pai não estaria disponível para dar um depoimento?

— Ele já morreu.

— Sinto muito — disse ele.

— Não sinta, você não o conhecia.

— Você tem alguma coisa que comprove a sua relação com Greg Feldman?

Eu poderia facilmente lhe fornecer provas do nosso trabalho juntos. Se ele procurasse o meu nome em seus arquivos, descobriria que Greg patrocinara minha inscrição na Ordem, mas não queria ir nessa direção.

— Greg Feldman tinha trinta e nove anos de idade. Ele era um homem intensamente reservado, e não gostava de ser fotografado. — Dei a ele um pequeno retângulo de fotografia. — Essa é uma foto minha com ele no dia da minha formatura no ensino médio. Há uma foto idêntica no apartamento dele. Está localizada na sua biblioteca, na terceira prateleira da estante central.

— Eu já a vi — disse o protetor.

Que maravilha.

— Pode me devolver, por favor?

Ele me devolveu a foto.

— Você sabia que está nomeada como beneficiária no testamento de Greg Feldman?

— Não.

Eu aceitaria de bom grado um momento para lidar com minha culpa e gratidão, mas o cavaleiro-protetor continuou a discursar.

— Ele legou seus bens financeiros à Ordem e à Academia. — Ele me observou à espera de uma reação. Será que achava que eu me importava com o dinheiro de Greg? — Todo o resto, a biblioteca, as armas, os objetos de poder, é seu.

Fiquei muda.

— Investiguei você na Associação — disse ele. Os olhos azuis me colocaram no meu lugar. — Disseram-me que você é capaz, mas desesperada por dinheiro. A Ordem está pronta para lhe fazer uma oferta generosa pelos itens em questão. Você verá que a soma é mais que suficiente.

Era um insulto e nós dois sabíamos. Pensei em lhe dizer que, se não fosse por caubóis de Oklahoma e prostitutas mexicanas tendo um pouco de diversão, não existiria nenhum texano, mas isso seria contraproducente. Não se chamava um cavaleiro-protetor de filho da puta em seu próprio escritório.

— Não, obrigada — disse com um sorriso agradável.

— Tem certeza? — Seus olhos me mediram de cima a baixo. — Você parece precisar de dinheiro. A Ordem lhe pagará mais do que você ganharia leiloando tudo. Meu conselho é que aceite a oferta. Compre um par de sapatos novos.

Olhei para meus tênis surrados. Eu gostava deles. Poderia lavá-los com água sanitária. Tiraria o sangue na hora.

— Acha que eu deveria comprar sapatos iguais aos seus? — perguntei, olhando para as botas. — De repente até ganho uma camisa de caubói com franjas de brinde. Talvez até um cinto.

Seus olhos brilharam de raiva.

— Você tem a boca grande.

— Quem, eu?

— Falar é fácil. O que você pode fazer?

Saia justa. Proceda com cautela. Reclinei-me na cadeira.

— O que posso fazer, senhor? Não farei nada para ameaçar ou contrariar o cavaleiro-protetor em seu próprio escritório, não importa o quanto ele me insulte. Isso seria estúpido e altamente prejudicial à minha saúde. Vim aqui em busca de informações. Só quero saber no que Greg Feldman estava trabalhando quando morreu.

Por um momento, nós ficamos parados nos encarando.

O cavaleiro-protetor inspirou profundamente e disse:

— Você sabe alguma coisa sobre trabalho investigativo?

— Claro. É só irritar as pessoas envolvidas até que o culpado tente fazer com que você vá embora.

Ele fez uma careta.

— Você sabia que a Ordem está investigando esse assunto?

Em outras palavras: “Vá embora, mocinha, e deixe que pessoas mais competentes resolvam isso.”

— Greg Feldman era minha única família — disse. — Vou encontrar quem ou o que o matou.

— E vai fazer o que depois?

— Penso nisso quando o momento chegar.

Ele entrelaçou os dedos das mãos.

— Algo capaz de derrotar o cavaleiro-místico é bastante poderoso.

— Não por muito tempo.

Ele pensou sobre isso por um momento.

— Acontece que eu poderia utilizar os seus serviços — disse ele.

Isso foi inesperado.

— Por que diabos você iria querer trabalhar comigo?

Ele me deu o que deve ter considerado seu sorriso enigmático. Isso me lembrou de um urso pardo despertado em pleno inverno.

— Tenho meus motivos. Eis o que vou fazer por você. Você ganhará um adesivo da Ajuda Mútua na sua identificação, o que deve lhe abrir algumas portas. Poderá usar o escritório de Greg. E terá acesso ao arquivo aberto e ao relatório da polícia.

Arquivo aberto significava que eu pegaria o caso como Greg o recebeu: os fatos objetivos e pouca ou nenhuma conclusão. Eu teria que refazer os passos dele. Era muito mais do que eu esperava.

— Obrigada — disse.

— O arquivo não sai do prédio — disse ele. — Nada de cópias nem de citações. Você fará um relatório completo para mim e somente para mim.

— Sou obrigada a cumprir a Lei de Divulgação de Informação da Associação — disse.

Ele dispensou o que eu disse com um aceno de mão.

— Já cuidei disso.

Desde quando? Esse cavaleiro-protetor estava se esforçando muito para ajudar uma mercenária imprestável. Por quê? Pessoas que me faziam favores sempre me deixavam nervosa. Por outro lado, a cavalo dado não se olham os dentes. Mesmo se você o ganhou de um caipira gordo vestindo uma camisa com franjas.

— Oficialmente você não tem nenhuma relação comigo — disse ele. — Estragou tudo e você se torna *persona non grata*.

— Entendido.

— Conversa encerrada — disse ele.

Lá fora a recepcionista acenou para mim e pediu minha identificação. Eu dei a ela e a observei colar um pequeno adesivo metálico da Ajuda Mútua, o “carimbo” oficial do interesse da Ordem pelo meu humilde trabalho. Algumas portas se abririam para mim e outras iriam bater na minha cara. Ora, o que eu poderia fazer?

— Não se incomode com Ted — disse a recepcionista, devolvendo minha identificação. — Ele é rude às vezes. Meu nome é Maxine.

— Eu sou Kate. Você me indicaria o escritório do falecido cavaleiro-místico?

— Com prazer. É o último à direita.

— Obrigada.

Ela sorriu e voltou ao trabalho, toda entusiasmada.

Cheguei ao escritório de Greg e olhei da porta. Algo não parecia certo.

Uma janela quadrada derramava a luz do sol sobre o chão, uma mesa estreita e duas cadeiras velhas. À esquerda, uma estante profunda preenchia todo o comprimento da parede, ameaçando cair sob o peso dos volumes meticulosamente dispostos. Quatro arquivos de metal da minha altura se erguiam na parede oposta. Pilhas de arquivos e papéis se amontoavam nos cantos, ocupavam as cadeiras e sufocavam a mesa.

Alguém mexera nos papéis de Greg. E o fizera cuidadosamente. O lugar não fora revirado, mas alguém inspecionara cada um dos arquivos e não os devolvera ao seu devido lugar; em vez disso empilhara tudo na primeira superfície horizontal disponível. Esses eram os papéis particulares dele. Por algum motivo, a ideia de alguém tocar as coisas de Greg, estudá-las e ler os pensamentos dele após sua morte me incomodava.

Atravessei a porta e senti um feitiço de proteção se fechar atrás de mim. Símbolos arcanos faiscaram com um brilho laranja pálido, formando padrões complexos no carpete cinza. Longas linhas entrelaçadas conectavam os símbolos, se cruzando e serpenteando pelo quarto, suas interseções marcadas por pontos vermelhos radiantes. Greg selara a sala com o próprio sangue, e mais ainda, ele a codificara para mim, caso contrário eu não conseguiria ver o feitiço. Agora, qualquer magia que eu fizesse dentro da sala ficaria nela, sem deixar nenhum eco escapar para fora da porta. Demorava semanas para se executar um feitiço dessa complexidade. A julgar pela intensidade das linhas brilhantes, absorveria um eco imenso. Por que ele faria isso?

Caminhei entre os arquivos até a estante. Ela continha uma edição antiga do *Almanaque de Criaturas Místicas*, uma versão ainda mais antiga do *Dicionário Arcano*, uma *Bíblia*, uma bela edição do *Alcorão* encadernada em couro e gravada a ouro, vários outros volumes religiosos e uma cópia fina de *A rainha das fadas*, de Spenser.

Fui até os arquivos de metal. Como esperado, estavam vazios. As prateleiras estavam marcadas com o código exclusivo de Greg, que eu

não conseguia decifrar. Não importava realmente. Peguei a pilha mais próxima e, com cuidado, deslizei a primeira pasta sobre a armação de metal.

Duas horas depois, eu terminara com os papéis no chão e nas cadeiras e estava pronta para começar com as pilhas que cobriam a mesa quando um envelope grande de papel manilha me deteve. Repousava no topo da pilha central de maneira que o meu nome, escrito com caneta hidrográfica preta na letra cursiva de Greg, ficasse claramente visível.

Depositei as pilhas no chão, puxei uma cadeira e esvaziei o envelope na superfície da mesa. Duas fotografias e uma carta. Na primeira foto, dois casais posavam lado a lado. Reconheci meu pai, um homem ruivo, pesadão, de enormes ombros largos, com um braço ao redor da mulher que deveria ser minha mãe. Algumas crianças têm lembranças dos pais falecidos, a sombra de uma voz, um cheiro, uma imagem. Eu não me lembrava de nada, era como se ela nunca tivesse existido. Meu pai não guardava nenhuma fotografia dela — deve ter sido muito doloroso para ele — e eu sabia apenas o que ele me contara. Ela era bonita, ele me dissera, e tinha longos cabelos louros. Olhei para a mulher na fotografia. Era pequena e delicada. As feições correspondiam a sua compleição, bem formadas, delicadas, mas desprovidas de fragilidade. Mostrava-se confiante, numa pose natural e confortável, banhada por um tipo de fascínio mágico e perfeitamente consciente do seu poder. Ela era linda.

Tanto meu pai como Greg diziam que eu me parecia com ela, mas não importava o quanto estudasse a imagem, não conseguia enxergar nenhuma semelhança. Minhas feições eram mais fortes. Minha boca era maior, e eu não fazia beicinho de jeito nenhum. Consegui herdar a cor dos olhos, castanho-escuros, mas tinham um formato diferente, amendoados e ligeiramente alongados. E minha pele era de um tom mais escuro. Se eu aplicasse bastante delineador e rímel, poderia facilmente passar por uma cigana.

Era mais do que isso — o rosto da minha mãe tinha uma suavidade feminina. O meu não, pelo menos não comparado com o dela. Se ficássemos lado a lado em uma sala cheia de pessoas, ninguém olharia para mim. E, caso alguém parasse para conversar comigo, ela conseguiria lhe roubar a atenção com um sorriso.

Bonita... Tá certo. Belo eufemismo, pai.

Por outro lado, se as mesmas pessoas tivessem que escolher uma de nós para chutar um bandido no joelho, eu seria a escolhida sem dúvida alguma.

Ao lado de minha mãe e meu pai, Greg estava com uma linda mulher

asiática. Anna. Sua primeira esposa. Ao contrário de meus pais, aqueles dois permaneciam um pouco afastados, cada um mantendo uma distância quase imperceptível, como se suas individualidades fossem pegar fogo se eles se tocassem. Os olhos de Greg estavam pesarosos.

Coloquei a fotografia virada para baixo sobre a mesa.

A outra foto era minha, com cerca de nove ou dez anos de idade, mergulhando num lago pelos ramos de um álamo gigantesco. Não sabia que ele tinha essa foto, nem sequer me lembrava de quando foi tirada.

Li a carta, umas poucas linhas escritas no pedaço de papel branco, uma parte do poema de Spenser.

“Um dia, escrevi o nome dela no costão,

Mas as ondas vieram e o levaram com a correnteza.

Novamente eu o escrevi com uma segunda demão,

Mas a maré veio e fez das minhas dores sua presa.”

Abaixo, quatro palavras foram escritas com o sangue de Greg:

Amehe

Tervan

Senehe

Ud

As palavras irradiavam um fogo vermelho. Um espasmo poderoso me atacou. Meus pulmões se contraíram, o quarto ficou turvo e através da densa neblina as batidas do meu coração soaram tão altas quanto o badalo de um sino de igreja. Um emaranhado de forças circulava ao meu redor, me enredando numa bagunça de correntes de energia elástica escorregadias. Estiquei a mão e me apoderei delas, que me levaram adiante, para dentro do amálgama de luz e som. A luz me impregnava e explodia dentro da minha mente, enviando uma miríade de faíscas através da minha pele. O sangue em minhas veias brilhava como metal fundido.

Perdida. Perdida no turbilhão de luz.

Minha boca se abriu, lutando para liberar uma palavra. Não conseguia formá-la e pensei que iria morrer, mas então a pronunciei, despejando meu poder com um som fraco:

— *Hesaad.* — *Minha.*

O mundo parou de girar e encontrei meu lugar nele. As quatro palavras se erguiam diante de mim. Eu tinha que pronunciá-las. Dominei o meu po-

der e disse as palavras, determinando sua vontade, forçando-as a se tornarem minhas.

— *Amehe. Tervan. Senehe. Ud.*

O fluxo de energia diminuiu. Eu estava olhando para o pedaço de papel branco. As palavras desapareceram e uma pequena poça carmim se espalhou pela folha. Eu a toquei e senti o formigamento da magia. Era o meu sangue. Meu nariz estava sangrando.

Puxando um curativo do meu bolso, onde sempre carregava alguns, apertei-o contra o nariz e me reclinei na cadeira. Mais tarde eu queimaria as bandagens. O relógio no meu pulso marcava doze horas e dezessete minutos. De alguma forma, naqueles poucos instantes, eu perdera quase uma hora e meia.

As quatro palavras de poder. *Obedecer, Matar, Proteger e Morrer*. Palavras tão primitivas, perigosas e poderosas que comandavam a própria essência da magia. Ninguém sabia quantas delas existiam, de onde vinham ou por que possuíam tamanho poder sobre a magia. Até mesmo as pessoas que nunca usaram magia reconheciam seu significado e estavam sujeitas ao seu poder, como se as palavras fossem parte de uma memória racial antiga que todos nós carregávamos.

Não era suficiente apenas conhecê-las; você precisava possuí-las. Quando se tratava de aquisição de palavras de poder, não havia segunda chance. Ou você as conquistava, ou morria tentando, o que explicava por que tão poucos magos eram capazes de utilizá-las. Uma vez que você as tornava suas, elas lhe pertenciam para sempre. Precisavam ser pronunciadas com grande precisão e utilizá-las demandava muita energia, o que deixava o mago próximo da exaustão. Greg e meu pai me avisaram que era possível resistir às palavras de poder, mas até agora não tive a oportunidade de usá-las contra um oponente que conseguisse. Elas eram o último recurso, quando tudo mais falhava.

Agora eu tinha seis palavras. Quatro dadas por Greg e outras duas: *Minha* e *Libertar*. Meu pai as ensinara para mim há muito tempo. Eu tinha doze anos e quase morri tornando-as minhas. Desta vez tinha sido muito fácil.

Talvez o poder do sangue aumentasse com a idade. Gostaria que Greg estivesse vivo para poder perguntar a ele.

Olhei de relance para o chão. As linhas alaranjadas do feitiço de Greg enfraqueceram tanto que eu mal conseguia vê-las. Elas absorveram tudo o que podiam.

As palavras clamavam em minha cabeça, se deslocando e saltando enquanto tentavam encontrar seu lugar. O último presente de Greg. Mais precioso do que qualquer coisa que ele pudesse ter me dado.

Lentamente, percebi que alguém estava me observando. Olhei para cima e vi um homem negro e magro à porta. Ele sorria para mim quando passei pelo seu escritório cerca de três horas atrás.

— Você está bem? — perguntou.

— Disparei um feitiço residual — resmunguei, com a gaze ainda cobrindo meu nariz. — Acontece. Eu estou bem.

Ele me olhou.

— Tem certeza?

— Sim.

Ok, sou uma idiota incompetente, agora vá embora.

— Trouxe a pasta com o arquivo de Greg. — Ele não fez nenhum movimento para entrar na sala. Inteligente. Se eu tinha disparado uma armadilha preparada por Greg, ele também poderia ser atingido. — Sinto muito ser tão tarde. Estava com um dos nossos cavaleiros.

Andei até ele e peguei o arquivo de suas mãos.

— Obrigada.

— Sem problemas. — Olhou para mim por um momento e foi embora.

Vasculhei a mesa de Greg à procura de um espelho. Todo mago que se preza tinha um espelho à mão. Muitos feitiços o exigiam. O de Greg era um retângulo fixado numa moldura de madeira simples. Vi minha imagem e quase deixei a gaze cair. Meu cabelo brilhava. Ele irradiava uma fraca luminescência bordô, que se movia quando eu corria minhas mãos através dele, como se cada fio individual de cabelo estivesse revestido com tinta fluorescente. Balancei a cabeça, mas o brilho não enfraqueceu. Resmungar com ele também não ajudou em nada, e eu não tinha a menor ideia de como poderia me livrar daquilo.

Escondi-me no canto mais distante da sala, invisível da porta, e abri o arquivo. Se você não consegue fazer algo desaparecer, espere até que se canse.

Na última vez em que assimilei palavras de poder fiquei exausta. Agora me sentia alegre, inebriada de magia. A energia me preenchia e eu me esforçava para contê-la. Queria saltar, correr, fazer algo. Em vez disso, tinha que me esconder em um canto e me concentrar no arquivo à minha frente.

O arquivo continha o relatório de um legista, o resumo de um boletim policial, algumas observações apressadas e várias fotos da cena do crime. Uma foto panorâmica mostrava dois corpos estendidos no asfalto: um ca-

dáver duro, pálido e nu; o outro, uma bagunça de tecidos estraçalhados. Encontrei o close do cadáver estropiado primeiro. Estava deitado de bruços e com os braços esticados sobre um pano encharcado de sangue. Algo lhe rasgara o peito, quebrara o esterno e o arrancara com uma força inacreditável. A cavidade do peito estava exposta, a massa brilhante e úmida do coração esmagada, escura contra os restos esponjosos dos pulmões e do amarelado das costelas quebradas. O braço esquerdo, arrancado do encaixe no ombro, se pendurava por um filamento ensanguentado.

A próxima foto mostrava o close da cabeça. Os olhos tristes que eu conhecia tão bem olhavam para a câmera e diretamente para mim. Céus. Li a legenda. Esse pedaço de carne humana agredida era tudo o que restava de Greg.

Um nó subiu pela minha garganta. Lutei contra ele por alguns segundos agonizantes e o forcei a descer. Esse não era Greg. Era somente o seu cadáver.

A foto seguinte me forneceu um olhar mais atento ao outro corpo. Esse parecia intocado, exceto pela cabeça, que estava faltando. Um fragmento quebrado da coluna vertebral se projetava do pescoço rodeado por pedaços de tecido rasgado. Não havia nenhuma outra evidência da cabeça. Também não havia quase nenhum sangue. E deveria haver litros do mesmo. O corpo estava deitado de lado e tanto a carótida como a jugular foram cortadas, então para onde foi todo o sangue?

Achei mais quatro fotos do cadáver e as coloquei lado a lado no chão. A pele do cadáver, branca como o mármore, se esticava firmemente sobre sua musculatura como se o corpo não tivesse gordura, só músculos. Não havia um único fio de cabelo na epiderme. O escroto parecia enrugado e anormalmente pequeno. Eu precisava de um close da mão, mas não havia nenhum. Alguém tinha dado mole. Porém, não importava muito, já que todos os outros sinais estavam lá. Mesmo sem ver as unhas, a conclusão era óbvia. Eu estava olhando para um vampiro morto.

Os vampiros são mortos por definição, mas esse tinha cessado a sua existência de morto-vivo. Nem mesmo Ghastek, com todos os seus poderes de necromancia, poderia consertar um vampiro sem cabeça. O importante agora era saber a quem pertencia esse vampiro. Os membros da Nação costumavam marcar seus mortos-vivos. Se este fosse marcado, a marca não estaria visível em nenhuma das fotos que o fotógrafo idiota tirara.

O que conseguiria matar um vampiro e um cavaleiro-místico? O vampiro, muito veloz e capaz de enfrentar uma equipe da SWAT sem

ajuda, seria uma presa difícil por si só. Seria quase impossível derrotar o vampiro e Greg juntos. E, ainda assim, lá estavam eles, ambos mortos.

Reclinei-me na cadeira para pensar. O assassino teria de possuir um poder imenso. Ele teria que ser mais rápido do que um vampiro, forte o suficiente para arrancar a cabeça de um corpo e capaz de se proteger da magia de Greg. De memória, a lista de possíveis assassinos era bastante curta.

A primeira opção era que a Nação poderia ter decidido matar Greg e usara um de seus vampiros como isca. Um vampiro antigo nas mãos de um Mestre dos Mortos experiente e capaz era uma arma como nenhuma outra. Se houvesse mais de um, eles poderiam ter matado Greg e um dos seus chupadores de sangue. Era caro e improvável, já que Greg era particularmente habilidoso contra vampiros, mas não era impossível.

A segunda, pela condição do corpo devastado de Greg, indicava metamorfos. Aquele tipo de dano só poderia ter sido feito por garras e dentes — e mais de um par deles. Talvez fosse um lupino, um metamorfo raivoso. Os corpos daqueles afligidos com o Vírus Lupoide, ou Vírus-L, ansiavam pela matança indiscriminada, enquanto suas mentes procuravam conter a sede de sangue. Se a mente vencesse a batalha contra o corpo, o metamorfo se tornaria um Homem Livre do Código, vivendo dentro de uma bem estruturada e altamente disciplinada Matilha. Se o corpo vencesse a mente, o metamorfo se tornaria um lupino, um assassino canibal enlouquecido pelos hormônios, caçando tudo e sendo caçado por todos.

A teoria do lupino era ainda menos provável do que a teoria da Nação. Primeiro, o vampiro estava intocado, com exceção do pescoço, e os lupinos estraçalhavam tudo com um frenesi maníaco. Segundo, Greg teria matado mais de um deles, mas nenhum outro corpo foi encontrado na cena do crime. Em terceiro lugar, se o assassino fosse um lupino, ou, mais provavelmente, vários deles, teria deixado uma tonelada de evidências na cena do crime, desde saliva e pelos até o próprio sangue. O escritório do médico-legista tinha perfis genéticos de quase todos os tipos de metamorfos conhecidos. Até onde eu podia ver, o arquivo não continha nenhum documento mostrando que o DNA de algum metamorfo fora encontrado na cena do crime.

Esfreguei o rosto, mas isso não me deu melhor compreensão sobre o que acontecera. Provavelmente, os assassinatos não foram cometidos por nenhuma das opções que imaginei e, por enquanto, eu tinha que deixar assim mesmo.

O relatório da autópsia confirmava que o cadáver decapitado pertencia a um *Homo sapiens immortalus*, um vampiro. Era um nome irônico, já que a mente humana morria no momento em que o vampirismo se apoderava do ser. Os vampiros não sentiam pena nem medo, não podiam ser treinados e não possuíam ego. Comparando níveis de desenvolvimento, eles se assemelhavam aos insetos, possuindo sistema nervoso e ainda assim sendo incapazes de formar pensamentos. Uma fome insaciável de sangue os governava e eles massacravam tudo no caminho em sua ânsia para saciá-la.

Franzi a testa. O arquivo não continha nenhum raio-m. Todas as cenas de crime envolvendo morte ou agressão eram rotineiramente examinadas à procura de magia. Tecnicamente, a polícia e a MSDU poderiam exigir acesso a este arquivo e recebê-lo através de uma ordem judicial. O fato de que faltava um raio-m significava que ele mostrava alguma coisa que a Ordem não queria revelar ao público em geral. A menos que o mesmo cretino que tirara as fotos tivesse conseguido de alguma forma jogar o raio-m no lixo.

A única página restante no arquivo listava vários nomes femininos. Sandra Molot, Angelina Gomez, Jennifer Ying, Alisa Konova. Nenhum deles me era familiar, e nenhuma explicação sobre a lista era oferecida.

Olhei novamente para o meu cabelo e percebi que ele não estava mais brilhando. Dei uma corrida rápida até a mesa e disquei o número listado no boletim policial.

Uma voz rouca atendeu ao telefone. Apresentei-me e pedi para falar com o detetive encarregado.

— Estou investigando o assassinato do cavaleiro-místico.

— Nós já falamos com vocês — disse o homem do outro lado. — Leia o maldito boletim.

— Você não falou comigo, senhor. Agradeceria muito se você pudesse responder algumas perguntas. Dois minutos.

O telefone fez um som metálico e ouvi o sinal de desligado. Grande cooperação entre agências.

Meu relógio indicava doze horas e cinquenta e oito minutos. Ainda dava tempo de ir até o necrotério. O período obrigatório de um mês de espera para vampiros mortos estava longe de terminar e o adesivo da AM iria assegurar que eu não teria problemas para examinar o corpo do sugador de sangue.

Fechei a pasta, coloquei-a no arquivo mais próximo e saí.

...

COLEÇÃO **BANG!**

A MELHOR FANTASIA, FICÇÃO CIENTÍFICA E HORROR

01. Mago – Aprendiz – Livro Um
Raymond E. Feist
02. A Corte do Ar
Stephen Hunt
03. Tigana – A Lâmina na Alma
Livro Um
Guy Gavriel Kay
04. Mago – Mestre – Livro Dois
Raymond E. Feist
05. A Filha do Sangue – Livro Um
Trilogia das Joias Negras
Anne Bishop
06. A Espada de Shannara – Livro Um
Trilogia A Espada de Shannara
Terry Brooks
07. Tigana – A Voz da Vingança
Livro Dois
Guy Gavriel Kay
08. Mago – Espinho de Prata – Livro Três
Raymond E. Feist
09. A Herdeira das Sombras – Livro Dois
Trilogia das Joias Negras
Anne Bishop
10. Mago – As Trevas de Sethanon – Livro Quatro
Raymond E. Feist
11. As Pedras Éficas de Shannara – Livro Dois
Trilogia A Espada de Shannara
Terry Brooks
12. Sangue Mágico
Série Kate Daniels
Ilona Andrews

Próximos Títulos

A Filha do Império
Raymond E. Feist & Janny Wurts

REVISTA **BANG!**

a sua dose diária de
fantasia, ficção científica
e horror



Já conhece a revista especializada na cultura do fantástico, da literatura ao cinema e HQs, não faltando entrevistas, ensaios e ficção? Venha descobrir em:

www.revistabang.com

Saiba tudo sobre a editora e os nossos livros em:



www.sdebrasil.com.br



Facebook: /editora.sde.brasil



Twitter: @SdE_Brasil



Instagram: /SdE_Brasil